

Caderno de Sugestões do(a) Educador(a) Mediador(a)



MEU AVÔ TATANENE

TERESA CÁRDENAS

cultura

Caderno de Sugestões do(a) Educador(a) Mediador(a) é parte integrante da obra *Meu avô tatanene* - Livro do Professor

Autores: Carolina Riter, Kainan Porto Alegre

Projeto gráfico: Martina Schreiner

Revisão: Elaine Maritza da Silveira

Informações sobre a obra literária a que este Material Digital se relaciona:

Título: Meu avô Tatanene

Autor: Teresa Cárdenas

Ilustradora: Martina Schreiner

Editora: Editora de Cultura

Objeto 1: Obras literárias destinadas aos estudantes da modalidade “Educação de Jovens e Adultos”

Categoria 3: das Relações Étnico-Raciais

Gênero Literário: Novela

Tema: Étnico-Racial



Sumário

1. Carta inicial	4
2. Contextualização da Obra Literária e Aspectos de Autoria	5
3. Justificativa	7
4. Importância da obra nas escolas e nas bibliotecas	9
5. Exploração da obra literária	11
6. Indicações de bibliografia	13
7. Contexto de trabalho	15
8. Sugestões de atividades	15
9. Sugestões de projetos	17
Autores do Caderno	19



1. Carta inicial

Prezado(a) Educador(a) Mediador(a),

O texto que você tem em mãos é uma obra que fomenta o debate racial, uma vez que apresenta, mediante os questionamentos impúberes da narradora-protagonista, uma reflexão profunda e empírica sobre a escravização africana ocorrida a partir do século XVI e que se estende ao longo da história de formação de diversos países americanos, como Cuba e Brasil.

Em *Meu avô Tatanene*, livro da escritora afro-cubana Teresa Cárdenas, a particularidade local da ilha caribenha se apresenta a todo parágrafo, a toda frase, convidando leitores e leitoras para uma viagem histórica permeada pelas vivências das personagens que compõem o núcleo familiar de Reglita. A partir do afeto genuíno que nutre por seu avô e da trajetória de seus antepassados, a menina embarca nesta mesma viagem e se depara com a sua própria ancestralidade.

A obra trabalha de maneira sensível e com rigor estético primoroso diversos assuntos que estão ao alcance de Reglita, como o envelhecimento, a ancestralidade, a escravidão, a morte, o alcoolismo, a importância da memória e da resistência do seu povo. Não há dúvidas de que a história de Teresa Cárdenas encantará os seus leitores, jovens e adultos, uma vez que a complexidade temática do livro é aclimatada pelo olhar afoito e questionador de uma jovem que está conhecendo as belezas e as contradições que a vida impõe.

A narrativa apresenta a misteriosa existência de Gregório, avô da narradora, que, imerso em seu “quarto-selva”, evoca o passado ancestral, sobretudo a partir da figura de Simbaó, trisavô de Reglita, arrancado à força do seu país no processo conhecido como diáspora africana. O sonho de Tatanene é ir para a África conhecer tudo aquilo que seu avô Simbaó havia deixado para trás. No entanto, precisa lidar com a filha e a relação conflituosa que ambos mantêm. Ela quer levá-lo para o Asilo Vila Verde; ele quer conhecer a África. Reglita acompanha esse entrave silencioso e de muita mágoa entre a mãe e o avô. E a partir dos silêncios do mundo dos adultos, ela se aproxima do avô e com ele reconstrói uma bonita história de resgate dos saberes ancestrais.

O livro acerta ao trazer uma narração autodiegetica, pois a perspectiva por vezes infantil de Reglita, acompanhada de reflexões sobre o universo dos adultos, resulta em um livro muito bem estruturado, cuja narrativa prende e encanta. Elementos como as plantas medicinais, as ervas fortes, a magia das folhas e das sementes, homens que se transformam em corujas e meninas que se transformam em pantera fazem parte das discussões e dos silêncios que permeiam a vida cotidiana da família da narradora, numa construção muito bem urdida que junta o mundo real com aquele que está por ser resgatado.

Leitores jovens e adultos certamente viverão uma experiência transformadora no contato com o texto sensível e potente de Teresa Cárdenas.

Bom trabalho!

2. Contextualização da Obra Literária e Aspectos de Autoria

A obra *Meu avô Tatanene* aborda a forma como a jovem Reglita, de férias escolares, começa a lidar com as complexidades da vida, sobretudo as que assolam o seu núcleo familiar. Muito apegada ao avô Gregório, a menina acompanha o conflito familiar vivido por ele e pela mãe da narradora, resultando na ida do idoso para o Asilo Vila Verde, local de bastante importância para a construção da narrativa.

A partir de uma narradora autodiegética, o livro traz à tona a percepção infantil sobre os dilemas existentes no mundo adulto, que não ocorre de maneira passiva, pois a menina, com o seu olhar questionador e reflexivo, está sempre pronta a lançar perguntas ou a finalizar alguma reflexão que lhe surgiu a partir da convivência com o seu avô ou com os seus pais. A grande maravilha do livro está no seu conteúdo e no arcabouço temático, uma vez que a narrativa apresenta ao seu leitor, seja ele jovem, seja ele adulto, uma breve história de formação da República de Cuba, repleta de magia, de ancestralidade, de mitos e, também, de sofrimento.

O texto original foi publicado pela editora cubana Casa Abril Editoria, no ano de 2006 com o título *Tatanene Cimarrón*, que remete à história do avô de Gregório, Simbaõ, e ao processo que o tornara escravizado, advindo do continente africano entre os séculos XVI e XVII, e que, com muita resistência e dor, a partir da recordação dos feitiços de sua terra, transformou-se em coruja e fugiu para sempre da escravidão.

Este livro, publicado há pelo menos dezenove anos, faz parte do projeto político e estético de Teresa Cárdenas, visto que a escravidão cubana, sobretudo a partir das personagens escravizadas ou as que já haviam sido, é uma constante em sua obra. A título de exemplo, vale mencionar a obra *Cachorro Velho*, publicada em 2010 no Brasil pela Editora Pallas, que retrata a história de um ancião escravizado, que desde criança trabalhava em um engenho de açúcar em Cuba. No livro, a autora nos apresenta, a partir da trajetória do protagonista, um pouco da história de formação de Cuba, que foi uma das primeiras colônias a receber os escravizados advindos da África, a partir do tráfico negreiro realizado pelos colonizadores espanhóis.

Segundo o *Diccionario de la lengua española*¹, a definição da palavra “cimarrón” significa “dito de um escravo que se refugia nos montes em busca de liberdade”. No livro, o avô de Gregório, Simbaõ, fora levado à força do continente africano para o americano a fim de ser escravizado, processo este conhecido como diáspora africana. No entanto, em uma noite, Simbaõ relembrhou dos feitiços da sua terra na África e se transformou em coruja, fugindo para sempre da escravidão. E é na memória da figura de seu avô que Gregório mantém o desejo de conhecer a África e tudo aquilo que os seus antepassados deixaram para trás pela

¹ Ver em: <https://dle.rae.es/cimarr%C3%B3n?m=form>. Acesso em: 08 abr. 2025.

obra cruel do homem ocidental. É Reglita a única pessoa que comprehende os desejos e as angústias do seu avô e o acompanha nessa jornada de resgate de sua ancestralidade.

A obra *Meu avô Tatanene* foi escrita pela escritora e ativista social afro-cubana Teresa Cárdenas. Em entrevista² a uma editora independente da Argentina, questionada sobre o conteúdo do livro e sobre ele ser destinado ao público juvenil, Teresa afirmou que, em Cuba, é comum que as crianças saibam e reconheçam a história de escravidão ocorrida na ilha caribenha e que não há motivos para mascarar a dor existente nesse processo de desumanização, uma vez que este fato faz parte da formação cultural cubana, sobretudo pelas origens africanas, que são basilares nas tradições locais. Por outro lado, Teresa Cárdenas afirmou que contar a história sob o olhar de uma narradora jovem, que acompanha o seu avô bastante idoso, advém de um trabalho que desempenhou em Cuba em uma casa de repouso para idosos, onde se deparou com a realidade daquelas pessoas abandonadas por suas famílias, como alguns dos personagens presentes em *Meu avô Tatanene*.

A obra que você tem em mãos, caro(a) Educador(a) Mediador(a), foi publicada pela Editora de Cultura em 2023. Este pequeno livro, porém robusto, foi traduzido ao português brasileiro pelo escritor e professor Caio Riter, que afirmou que a jovem protagonista, Reglita, vai construindo a sua identidade numa narrativa que dialoga, de forma simples e literária, com a emoção de uma descoberta que mudará a sua vida para sempre, ou seja, a de se deparar com a história de formação da sua família e de seu povo.

Em entrevista à Associação Cultural Nonada Jornalismo³, a escritora defendeu que a literatura voltada para as crianças e para os adolescentes pode ensiná-los a sobreviverem e a se defenderem, ou seja, pode formar seres humanos melhores. Mas o que isso quer dizer? Essa perspectiva de escrita, constantemente política, coloca em xeque todas as formas de opressão e de apagamento da história de formação dos países latino-americanos que sofreram com as mazelas da escravidão. Ensinar e demonstrar aos jovens a realidade cruel a que foram submetidos os nossos antepassados é, na verdade, uma forma de viver o presente e sempre recordar do passado, para que no futuro existam adultos letRADOS racialmente e historicamente em defesa dos direitos humanos. Nesse viés, é importante que um texto literário discorra sobre esses fatos históricos terríveis, apresentando uma mirada subjetiva e literária que só a literatura pode proporcionar, visto que conhecer o sofrimento, as dúvidas, os medos e os anseios de pessoas que passaram pela escravidão, e que ainda sofrem suas sequelas, é um ato de resistência, um eterno lembrar para jamais esquecer.

² Ver em: <https://factotumediciones.com/noticias/los-antepasados-del-abuelo-382>. Acesso em: 08 abr. 2025.

³ Ver em: <https://www.nonada.com.br/sobre-2/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

3. Justificativa

Para Frantz Fanon (2022)⁴, a violência impôs e organizou todas as atitudes tomadas dentro do universo do mundo colonial. E essa violência, na sua incansável produção, ocasionou a destruição de formas sociais nativas; demoliu, sem nenhum tipo de pudor, tudo aquilo que o colonizado reconhecia como humanidade. Nesse viés, a obra *Meu avô Tatanene* resgata a história de colonização e de escravidão de Cuba, a partir da personagem Gregório, que, relembrando o seu avô Simbaõ, um escravizado quilombola, deseja retornar à África para encontrar tudo aquilo que os seus antepassados deixaram para trás quando foram arrancados dos seus territórios ancestrais. A temporalidade histórica do livro é bastante complexa no que diz respeito ao sofrer pelo passado. No entanto, é bastante visível o esforço estético e teórico de Teresa Cárdenas ao trabalhar valores importantes para a formação de Cuba, alicerçados no saber ancestral, nos feitiços, nas magias, no conhecimento das plantas e dos animais.

A obra fomenta um exercício de reflexão sobre as relações sociais travadas a partir deste “eu” do passado, que sofreu com as mazelas e todos os tipos de violências oriundas da escravidão, frente a este “eu” do presente, que olha atentamente para o passado em busca de explicações e de força para seguir a jornada que se apresenta para o futuro. A escravidão é uma marca constante e latente na formação histórica da América, e isso não pode ficar à revelia dos leitores e das leitoras.

No livro *O genocídio do negro brasileiro* (2016)⁵, Abdias Nascimento, precursor do movimento negro no Brasil, afirma que para manter uma completa submissão do africano escravizado, o sistema escravista acorrentou não só o corpo físico do escravizado, mas também o seu espírito. Ou seja, a fim de apagar tudo aquilo que lhe restava de humanidade — as suas lembranças, as suas raízes, a sua religião, a sua língua — a Igreja Católica organizava o seu batismo e começava o processo forçado de catequização.

Nas primeiras páginas de *Meu avô Tatanene*, acompanhamos a narradora Reglita em uma viagem ao passado, entre os séculos XVII e XVIII, quando apresenta a história do seu trisavô Simbaõ. A menina afirma que no dia de sua morte, Simbaõ ainda tinha as marcas das correntes espalhadas pelo corpo, sobretudo as que adquiriu durante o processo de travessia, pois esteve acorrentado no porão de um navio negreiro. Depois que chegou ao continente, foi vendido a um proprietário de escravos que tinha três engenhos, ganhou o nome de Samuel e o levaram para o engenho de Misericórdia. À base de chicotadas, proibiram o trisavô de falar a sua língua nativa e tentaram, diversas vezes, metafórica e literalmente apagar a sua memória e todas as recordações que tinha da África e de sua existência pré-escravidão.

⁴ FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

⁵ NASCIMENTO. Abdias. O genocídio do negro brasileiro. São Paulo: Perspectivas, 2016.

As narrativas de Simbaó e de Gregório, a partir do relato de Reglita, são um importante documento histórico e literário sobre a残酷和os traumas deixados pelo sistema colonial implantado na África e na América. A obra serve como um resgate de toda a tradição afro-diaspórica e africana dentro do período conhecido como colonização, que nos faz compreender, a partir de uma narração autodiegética, todas as complexidades existentes dentro das relações étnico-raciais cubanas, que não são diferentes do que ocorreu e ocorre no Brasil, por exemplo. A obra contempla a história e a diversidade dos povos africanos que chegaram à América como mercadorias, que eram vendidas, trocadas e descartadas em um processo profundo de reificação e de desumanização.

Sobre as memórias resgatadas por Gregório, podemos observar a importância do papel de Reglita, que não é passivo, de mera ouvinte, muito pelo contrário, pois a narradora revela uma compreensão de todas as questões subjetivas que assolam o seu avô no processo de resgate da sua história e da história dos seus antepassados. A jovem, ao entrar no “quarto-selva” do avô, depara-se com livros sobre a escravidão em cima de sua mesa empoeirada e reflete sobre a imagem que observa de crianças, menores que ela, acorrentadas, feridas e sendo vendidas como mercadoria. Entende, a partir desse contato precoce com a história de formação do seu país, com a história de formação de sua família, que elas eram apartadas de suas famílias e de tudo aquilo que as fizesse lembrar a África. Assim, Reglita faz uma promessa para si mesma, a partir do sofrimento das crianças escravizadas estampadas nos livros: que a história dos seus antepassados jamais seria esquecida.

A obra *Meu avô Tatanene* pertence à categoria de Relações Étnico-Raciais, uma vez que lança luz ao debate e à compreensão das relações étnico-raciais presentes no continente americano e contempla a história e a diversidade afro-diaspórica e africana em diferentes espaços geográficos e temporalidades históricas. Valendo-nos do conceito de “Afrotopia”, do senegalês Felwine Sarr⁶, devemos pensar a África enquanto uma utopia, pensar em espaços do real a serem alcançados por meio do pensamento e da ação. Além disso, o livro apresenta a discussão sobre a identidade racial cubana e a identidade étnico-racial, sobretudo a partir do resgate, iniciado pela personagem Gregório, que acaba reverberando na trajetória da pequena Reglita, que se transforma mediante o resgate da tradição e da história dos antepassados do seu país e de sua família.

⁶ SARR. Felwine. Afrotopia. São Paulo:n-1 edições, 2019.

4. Importância da obra nas escolas e nas bibliotecas

A partir da 6^a edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil⁷, realizada em 2024, torna-se imprescindível a discussão sobre os indicadores e os hábitos de leitura de todos os brasileiros com mais de cinco anos. Os dados indicam que 53% da população brasileira é considerada não leitora. Nesse sentido, vale ressaltar que “leitor”, segundo os dados metodológicos da pesquisa, é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, em um período de três meses referentes ao ano de 2024. A obra mais lida pelos brasileiros é a Bíblia, seguida pelos gêneros conto e romance, respectivamente. Com base nesses dados, é visível que falar de leitura, sobretudo a literária, no Brasil, é um desafio constante, não só para os educadores, mas também para os(as) mediadores(as) de leitura.

Segundo o texto *O que se diz ao negar-se a ler?*⁸, da doutora em Linguística Carolina Fedatto Padilha, há diferenças entre “negar-se a ler”, “não gostar de ler”, “não saber ler” e “não ler”. Ademais, evidencia-se uma questão nuclear para a discussão: o que é que se nega ao negar-se a ler? Partindo desse questionamento, não podemos deixar de reforçar que, mesmo diante do cenário catastrófico no que diz respeito à leitura no Brasil, é, sim, papel do(a) educador(a) e do(a) mediador(a) alcançar a “massa cinzenta” de brasileiros e brasileiras que sabem ler e não lêem, que não querem ler, que não gostam de ler, que resistem a ler e que não se reconhecem lendo.

O papel de uma boa mediação de leitura, contextualizada, afetiva, que faça sentido ao leitor, é fundamental para o sucesso de atividades cujo objetivo principal é a fruição literária. Assim, cabe a nós, brasileiros e brasileiras que encontramos nos livros a possibilidade de imaginar outros mundos, de conviver com outras narrativas, parecidas ou não com as nossas, de transmitir e de participar do processo de letramento literário deste público-alvo, jovens e adultos, que estão sendo impossibilitados de exercer a sua capacidade de sonhar e de ficcionar.

No ano de 1988, Antonio Cândido, um dos maiores ensaístas da literatura brasileira, escreveu o artigo *O direito à literatura*⁹, que discute as relações imbricadas entre a literatura e os direitos humanos. Tomando como empréstimo os conceitos de “bens compresíveis” e de “bens incompressíveis”, do sociólogo francês Louis-Joseph Cândido define aqueles como cosméticos, enfeites, roupas supérfluas; e define estes como os que não podem ser negados a ninguém, como o alimento, a moradia, o acesso à saúde etc. Nesse sentido, é válido apontar que a fixação destes bens é bastante ampla, visto que depende

7 Ver em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

8 FEDATTO, Carolina P. *O que se diz ao negar-se a ler?* In: PAYER, M. O.; CELADA, M.T. (Org.). *Subjetivação e processos de Identificação: sujeitos e línguas em práticas discursivas - inflexões no ensino*. Campinas: Pontes, 2015.

9 CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

da necessidade relativa que temos deles, e isso acaba variando em cada época, em cada cultura, pois estão associados também à divisão da sociedade em classes. No entanto, ao fazer a mediação entre literatura e direitos humanos, o ensaísta afirma que os bens incompressíveis não devem garantir apenas a integridade física (sobrevivência) em níveis decentes para as pessoas, mas também devem ser considerados os que garantem a integridade espiritual, subjetiva, que ele associa à liberdade intelectual, ao amparo da justiça pública, à resistência à opressão, ao direito à crença, à opinião, ao lazer, à arte e, claro, à literatura. Discutir e pensar a leitura de obras literárias nas escolas e nas bibliotecas não é uma questão de “opinião” ou de “espectro político”, mas sim um direito humano inalienável à existência dos brasileiros e brasileiras.

Sobre o papel da leitura em regiões mais afastadas dos centros urbanos, com um índice menor de pessoas letradas e alfabetizadas, a antropóloga Michèle Petit¹⁰ defende que não só a estrutura física desses lugares está em más condições, não é somente o tecido social que pode estar em dificuldade. Para as pessoas que habitam nessas regiões, também está danificada a capacidade de simbolizar e de imaginar. Ou seja, o simples ato de pensar sobre si próprio, sobre o seu lugar no mundo e o seu papel na sociedade, está de igual modo prejudicada. Dessa forma, podemos pensar no papel reconstrutor que a leitura e a fruição literária possuem no que tange ao letramento das pessoas que antes não tinham acesso aos livros. A leitura, nesse sentido, é, para todas as idades, uma possibilidade de dar sentido à vida e à própria existência no mundo. É a partir dela que uma criança ou uma pessoa idosa podem dar voz aos seus sofrimentos, dar forma aos seus desejos e sonhos.

Por fim, retomando Antonio Cândido, devemos sempre pensar que a literatura é o sonho acordado de todas as civilizações, pois ela aparece como uma manifestação universal de todas as sociedades em todas as épocas, uma vez que não há como existir sem fabular. É por meio da literatura que somos constantemente humanizados, pois ela confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fomentando as inúmeras possibilidades de existência. É com ela, e somente por meio dela, que desenvolvemos a quota de humanidade na medida em que ela nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, para a sociedade, para o semelhante.

Tomando o pensamento desses autores, vale dizer que o livro de Teresa Cárdenas pode oferecer uma experiência de leitura capaz de capturar leitores – jovens e adultos iniciantes – a partir da relação que estabelece com as vivências dos e das estudantes, ao mesmo tempo em que abre espaço para a imaginação e proporciona a fruição estética a partir de uma linguagem simples, embora carregada de camadas de sentido.

¹⁰ PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

5. Exploração da obra literária

É importante defender e afirmar o papel das escolas enquanto instituições formadoras de leitores. É impossível pensar em uma escola que privilegia o trabalho e a exploração de uma obra literária sem um currículo comprometido com o acesso de todos às culturas de escrita. Nesse sentido, evidencia-se que a aprendizagem da leitura e da escrita, sobretudo a literária, é compromisso de todas as disciplinas e também dos projetos e das atividades não disciplinares que a escola realiza.

Segundo a professora e pesquisadora Luciene Juliano Simões et. al. (2012)¹¹, a linguagem é transversal por essência, ela não pode ser associada, como objetivo refletido e explícito de um projeto educativo, somente às áreas de Língua Portuguesa, Literatura, Produção Textual etc. O que isso quer dizer? Que toda a escola e todas as suas atividades, todos as disciplinas, todos(as) os(as) professores(as) dessas disciplinas, sem exceção, contribuem (ou devem contribuir) com o letramento social e literário dos estudantes. Partindo dessa abordagem, devemos considerar que a escola é responsável por oferecer oportunidades para o(a) aluno(a) adquirir competências adequadas de usos para enfrentar determinadas situações com confiança, além de ser capaz de escrever e de responder a enunciados que a vida cotidiana irá exigir. Resumidamente, o letramento social e literário contribui para a construção da cidadania.

A fim de explorar o livro *Meu avô Tatanene* dentro do ambiente escolar, indicaremos alguns caminhos possíveis para o trabalho com a narrativa dentro e fora da sala de aula. Primeiramente, é importante situar a obra dentro do contexto de produção ao qual ela foi idealizada, sobretudo marcando as questões que envolvem a autoria, já que o livro foi escrito por uma mulher negra e ativista pelos direitos das populações negras e periféricas cubanas. Além disso, vale ressaltar que, em *Meu avô Tatanene*, a história tem início com o processo de colonização do continente africano, o qual desencadeou a morte, a venda, o massacre, a tortura dos povos africanos que chegaram à América nos porões dos navios negreiros, como mercadorias. O livro de Teresa Cárdenas, escritora afro-cubana, apresenta sem rodeios a história de formação escravocrata de Cuba, e como isso constrói a subjetividade das relações sociais e étnico-raciais da família da narradora-protagonista, Reglita. É a partir da convivência com o seu avô, que foi levado ao asilo, que ela encontra e se reencontra na história do seu povo, a partir da história de Simbao, o seu trisavô.

No que diz respeito às temáticas laterais do livro, é possível explorar as relações familiares que nele são expostas: o vínculo ancestral de Reglita com seu avô, já que

11 SIMÕES, Luciene Juliano et. al. Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura. Erechim: Edelbra, 2012.

a menina é a única que comprehende os desejos de Gregório e entende quando ele se comunica com a língua que lhe fora ensinada por Simbaõ; e a relação conflituosa entre a mãe da narradora e o avô, uma vez que ela não se sensibiliza com o processo de envelhecimento de Gregório.

O tema do envelhecimento está bastante presente na obra, uma vez que indica uma interseção de vários personagens, evidenciando um olhar crítico e reflexivo sobre as atitudes tomadas pelas personagens na mediação destes conflitos. Gregório, por exemplo, fica completamente aborrecido quando é levado ao Asilo Verde; já a mãe da narradora afirma que essa medida será provisória, uma vez que ela se sente muito cansada com o trabalho de cuidado que exerce, acentuado pelo seu emprego como enfermeira; por fim, Reglita está no meio deste conflito, e de maneira bastante carinhosa, tenta acolher as pessoas mais importantes de sua vida.

A obra de Teresa Cárdenas fomenta debates importantes que envolvem as múltiplas existências que nela se presentificam. Dessa forma, devemos considerar que o constante exercício de cidadania, que será estimulado a partir da leitura integral do livro, deve ser base do cotidiano escolar que se projeta para a construção da participação social presente e futura dos estudantes, dentro e fora da escola. É papel do(a) Educador(a), portanto, apresentar atividades contextualizadas com a realidade local, estimulando a reflexão, a leitura e a fruição literária a partir dos temas e das características presentes na obra literária. Os alunos — jovens, adultos e idosos —, diante do cenário e dos temas apresentados no livro, podem desenvolver a consciência de que eles vão à escola para assumir o seu lugar intransferível no mundo, a partir da formação do senso ético, com vistas à construção da solidariedade. A literatura, dentro desse contexto, permite que leitores e leitoras, repliquem determinados contextos e determinadas ações, que ocorrem ao longo das páginas de um livro, às inúmeras situações pelas quais passam em suas vidas. É crucial que todos os estudantes brasileiros tenham a oportunidade de se engajarem de maneira subjetiva com outras formas de ler e de se ver no mundo.

Segundo Michèle Petit (2008), a leitura na infância pode representar o espaço de abertura para o campo do imaginário, o lugar de expansão do repertório e das identificações possíveis. Na adolescência ou na juventude — “e durante toda a vida” — os livros também consolam o seu leitor e quase sempre encontramos palavras que nos permitem expressar os sentimentos que guardamos mais secretamente. Essa é a magia do fabular que o livro representa. Nesse viés, o livro se transforma em um objeto mediador das veredas da vida, e é a partir dele que despertamos o nosso olhar mais humano em relação à vida e à sociedade. A leitura pode ser uma máquina de combate contra todos os tipos de totalitarismos

e conservadorismos. Por meio dela, combatemos o racismo, o machismo, a xenofobia, o etarismo e qualquer outro tipo de aversão que se faz cada vez mais presente na sociedade contemporânea. É com base nessa importância que o papel do(a) Mediador(a) de leitura se faz resistência. Assim, voltamos a citar Michèle Petit, que acertadamente discorre:

Esse mediador é com frequência um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, até um amigo ou alguém com quem cruzamos (Petit, 2012, p. 149).

Dessa forma, é a partir de uma atenção personalizada que o(a) Educador(a) Mediador(a), nas escolas ou nas bibliotecas, em organizações de bairro, em bibliotecas públicas, atravessa e intervém na relação simbiótica entre leitor-livro. No entanto, para que esse atravessamento seja exitoso, que possa transmitir o amor e o cuidado que temos pela leitura de obras literárias, é necessário que já tenhamos experimentado este amor, que já tenhamos estado no lugar de leitor ou de leitora, que necessitavam deste atravessamento durante a dura e árdua travessia, mas que possui um final feliz e contemplativo. Por fim, o(a) Educador(a) Mediador(a) possui a função-chave de guiar o leitor e a leitora, que por vezes está perdido dentro do universo vasto da literatura, a fazer descobertas, possibilitando-lhe alçar novos ou antigos voos mediante a leitura atenta e fruitiva.

6. Indicações de bibliografia

Querido(a) Educador(a) Mediador(a), buscando possibilidades para a melhor mediação da obra literária, selecionamos materiais complementares, a fim de que ampliem o repertório do trabalho literário e fomentem discussões mais contextualizadas sobre os temas associados ao livro *Meu avô Tatatanene*.

Indicamos outro romance da escritora afro-cubana Teresa Cárdenas, a obra *Cachorro Velho*¹², que contextualiza de maneira mais profunda as mazelas sofridas pelos escravizados durante o trabalho forçado em um engenho de açúcar, publicada em 2010 no Brasil. A obra original recebeu um dos maiores prêmios da literatura em língua espanhola, concedido pela Casa de las Américas¹³. O protagonista, *Cachorro Velho*, é escravo desde

12 CÁRDENAS, Teresa. *Cachorro velho*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2010.

13 Instituição cultural fundada em La Habana, Cuba, cujo objetivo principal é conectar, culturalmente, os países da América e do Caribe.

bebê e nunca conheceu outra vida, a não ser pelas breves recordações que tem da sua mãe e de seus antepassados. O enredo do livro apresenta a残酷 a que foram submetidos os escravizados nos engenhos em Cuba. E com o auxílio de Aroni, a griot daquele engenho — a guardiã dos saberes ancestrais africanos —, ajudam uma jovem escravizada a alcançar a liberdade, evidenciando a figura do escravizado cimarrón, que tanto fez parte da história de resistência africana em Cuba.

A outra indicação, para melhor contextualizar o trabalho com o livro *Meu avô Tatanene*, é a entrevista em vídeo de Teresa Cárdenas ao Conexão RS¹⁴, na qual a escritora explica brevemente como se dá o processo de colonização de Cuba, situa a escravidão cubana dentro de uma linha do tempo, comenta sobre a diáspora africana e toda a ancestralidade implicada atualmente na formação do povo cubano e, por fim, discorre sobre este tema associado à literatura infantojuvenil. A entrevista está legendada em português e é um excelente material de consulta sobre a poética de Teresa Cárdenas e sobre seu intenso trabalho de pesquisa relacionada à escravidão cubana e à diáspora africana .

Produzido pela Rádio Graviola, o Descabeladas Podcast¹⁵ conversa com a escritora Teresa Cárdenas em um episódio em homenagem ao Dia da Consciência Negra. Neste podcast, Teresa comenta sobre a sua forma de escrita, como idealiza uma narrativa e o porquê de sempre priorizar a história de escravidão de Cuba em seus livros. Além disso, a escritora fala sobre o racismo em Cuba, comparando-o ao que ocorre no Brasil, e como isso afeta as múltiplas existências negras. É um episódio sobre literatura, ancestralidade com muitas referências à escravidão e ao processo de racialização cubano. Vale a pena conferir.

Por fim, para melhor contextualizar o processo de abolição da escravatura em Cuba, ocorrida em 1886, Alice Elias escreveu um texto, publicado no site da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e com editoria da Hoje na História¹⁶. No texto, Alice Elias contextualiza os processos prévios que sucederam a abolição da escravatura em Cuba e como se organizou, a partir de então, a reestruturação dos ex-escravizados ao sistema econômico cubano. A atual capital de Cuba, La Habana, foi juntamente com o Rio de Janeiro, durante o século XIV, uma das maiores cidades escravistas do mundo. Portanto, é extremamente necessário conhecer um pouco mais sobre a história de formação de Cuba, a fim de estabelecer, a partir da subjetividade proposta

14 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=mO42ffcX6no>. Acesso em: 12 abr. 2025.

15 Ver em: <https://open.spotify.com/episode/6eG16W258wVTtoUceCEbxv?si=370f3adf1cca4b27>. Acesso em: 12 abr. 2025

16 <https://www.fflch.usp.br/38892#:~:text=A%20aboli%C3%A7%C3%A3o%20da%20escravatura%20em,Am%C3%A9rica%20a%20abolir%20a%20escravid%C3%A3o>. Acesso em: 12 abr. 2025.

pela literatura de Teresa Cárdenas, a relação que há entre o processo de escravização e os desdobramentos dele em Cuba e no Brasil.

7. Contexto de trabalho

O livro *Meu avô Tatanene* é indicado para estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por se tratar de uma narrativa de leitura simples, porém densa em relação ao conteúdo e à temática. Acreditamos que os estudantes da EJA, que provavelmente terão mais experiências de vida e mais repertório social e emocional, receberão a obra de Teresa Cárdenas com olhos bastante atentos. Como um dos temas da obra é o envelhecimento, dentro da perspectiva de ancestralidade africana, trabalhar o livro com um público leitor mais maduro enriquecerá a experiência dentro do ambiente escolar e das bibliotecas. Segundo Michèle Petit (2012), a leitura literária deve nos acompanhar em todas as etapas de nossas vidas, pois muitas vezes é o nosso sustentáculo diante das agruras da vida.

8. Sugestões de atividades

A primeira atividade sugerida deve ser realizada no ambiente escolar, mas também pode incluir todos aqueles e todas aquelas que sintam vontade de ler e de discutir o livro. Conforme apregoa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o trabalho com a linguagem deve ser interdisciplinar, uma vez que ela é transversal por essência. Ou seja, essa atividade pode incluir os professores e as professoras de outras disciplinas, a fim de que todas as áreas possam realizar o trabalho de leitura literária e contextualizá-lo a partir das respectivas competências e habilidades.

A **primeira atividade** pode ser considerada como um “mapa mental literário”, uma vez que o(a) Educador(a), a partir da leitura integral do livro, escreverá em um cartaz ou na própria lousa, o título do livro no centro: *Meu avô Tatanene*. Mediante a centralização da obra no que diz respeito ao debate literário, o(a) Educador(a) lançará algumas temáticas ou discussões que possam ser reverberadas a partir da narrativa, como, por exemplo: ancestralidade, racismo, violência escravista, violência de gênero, relações étnico-raciais, etarismo, alcoolismo etc.

A ideia principal desse mapa mental literário reside na assimilação da leitura por parte dos estudantes, a fim de que consigam relacionar as temáticas que compõem o livro e

possam apresentar as suas interpretações sobre os fatos sucedidos na narrativa. Este tipo de atividade possui grande complexidade, pois incentiva os estudantes a completarem e aprofundarem o mapa a partir das suas leituras. Conectando o livro ao seu arcabouço temático, os alunos chegarão a conclusões em grupo, reconhecendo fatos e ações realizadas por determinada personagem, bem como as relações entre personagens e entre elementos e partes do texto. Assim, o(a) Educador(a) terá de seus estudantes a plena compreensão e interpretação da obra.

A **segunda atividade** a ser realizada é continuação da primeira, uma vez que necessita, obrigatoriamente, que os estudantes já tenham lido a obra de maneira integral. Esta atividade pode ser associada à ideia de “sarau literário” e pode envolver a totalidade da escola e a sua comunidade escolar. Os alunos e as alunas farão uma “ocupação” do livro *Meu avô Tatanene*, ou seja, espalharão pela escola cartazes e trechos da obra, a fim de sensibilizar toda a comunidade que frequenta o ambiente escolar - alunos(as), professores(as), pais, mães etc. Os cartazes poderão ser confeccionados no Componente Curricular de Arte, por exemplo, e devem trazer trechos do romance de Teresa Cárdenas, além de poemas, músicas e citações que os estudantes sejam capazes de vincular à obra a partir de pesquisa organizada pelos(as) professores(as) de Língua Portuguesa e de Literatura.

Um exemplo de conexão entre *Meu avô Tatanene* e outro objeto estético se vê claramente no poema *Vozes-Mulheres* (2021)¹⁷, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, que inicia da seguinte forma: “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio / Ecoou lamentos / de uma infância perdida [...]” (p. 24). Esta atividade acentua o poder transformador e criador dos estudantes, uma vez que os coloca em posição ativa na construção do seu próprio saber, valorizando os seus distintos repertórios e escrevivências.

A **terceira atividade** está associada a um contexto de mediação dentro de uma biblioteca escolar, comunitária ou pública, que valorize a discussão literária e por consequência o letramento literário de seus participantes. A atividade pode ser dividida em quatro encontros, dada a extensão da obra literária, a fim de que todos os participantes leiam o romance em voz alta. Ao término de cada encontro, sugere-se um debate mediado, com base nos preceitos indicados por Michèle Petiti (2012), sobre as páginas lidas. O cerne desta atividade reside na pura fruição literária, em grupo, com o objetivo de que todos e todas possam compartilhar as suas experiências de leitura e as suas interpretações sobre os fatos sucedidos na obra, externalizando as suas experiências individuais e coletivas.

17 EVARISTO, Conceição. Poemas de recordações e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2021.



A biblioteca pode e deve ser espaço de acolhimento e de ampliação do universo da linguagem e do universo da cultura dos seus frequentadores, e tudo isso poderá ser alcançado a partir da mediação da obra literária de forma coletiva, ampliando-se, assim, a experiência da leitura por meio da troca de impressões.

9. Sugestões de projetos

Na escola ou na biblioteca, é papel-chave do(a) Educador(a) Mediador(a) propiciar maneiras específicas de aprofundar e de diversificar ainda mais a relação dos leitores com as culturas de escrita, sobretudo a literária. Partindo desse pressuposto, indicaremos duas propostas de exploração da obra literária que possam ser trabalhadas em escolas, bibliotecas e comunidades, a fim de buscar o pleno letramento literário dos seus participantes, sensibilizando todos aqueles e todas aquelas que veem nos livros uma possibilidade de encontrar-se no mundo e, a partir dele, agir e atuar na sociedade.

A **primeira proposta**, pensando na sua abordagem coletiva e transformadora, é a de um **Clube de Leitura** a ser estruturado na escola, na biblioteca ou na comunidade, que possua leituras recorrentes, a fim de criar um vínculo com a comunidade participante e estimular o desejo de ler.

Um **Clube de Leitura** pode ser uma ferramenta emancipatória, pois, a partir da interação com outros leitores, o debate literário flui e se enriquece, seja pela concordância, seja pela discordância entre seus pares. Nesse viés, o **Clube de Leitura** pode organizar-se a partir de eixos temáticos como, por exemplo: diáspora africana, ancestralidade, questões raciais e étnicas, feminismo, violência de gênero, etarismo, xenofobia, meio ambiente etc. A ideia é apresentar um repertório vasto que provoque discussões interessantes e possa deslocar os participantes da sua zona de conforto e ampliar a capacidade de interação literária.

O primeiro livro a ser lido e discutido nesta roda de leitura é o *Meu avô Tatanene*, que se enquadra de maneira interseccionada nos eixos de diáspora africana, ancestralidade e etarismo.

A **segunda proposta** de trabalho sobre a obra *Meu avô Tatanene* é a execução de uma **Tertúlia Literária**, que consiste em um encontro de pessoas, leitores e leitoras, com o objetivo de discutir um livro em específico, fomentando a leitura dialógica, o letramento literário e a construção coletiva do saber. As tertúlias são atividades culturais e educativas, totalmente gratuitas, organizadas por pessoas de diferentes coletivos sociais e cultu-

rais, por isso esta proposta de trabalho se enquadra perfeitamente no âmbito da escola, da biblioteca e da comunidade.

Assim, na “Tertúlia Literária Teresa Cárdenas”, os participantes irão ler a narrativa *Meu avô Tatanene* e participar da sensibilização em relação à obra da autora. Partindo dos objetivos do campo artístico-literário da BNCC, a **Tertúlia Literária** fomenta o conhecimento das finalidades, das práticas e dos interesses da arte e da literatura; constrói a compreensão das linguagens e das mídias e como estas constituem contemporaneamente as manifestações artísticas e literárias; corrobora para a experimentação da arte e da literatura como forma de emancipação do ser, do pensar e do agir; e, por fim, contribui para o desenvolvimento e o aprimoramento das habilidades de apreciação, de produção e de fruição literária e artística. Ademais, dentro desta atividade, encontramos a possibilidade de trabalho mais declamativo do texto poético, uma vez que nas tertúlias literárias a declamação, a contação de história e a encenação de peças teatrais e adaptações literárias são parte fundamental da programação. Nesse viés, o trabalho com o livro de Teresa Cárdenas deve contemplar a sua variedade temática, a linguagem literária, o gênero literário da obra, as diferentes formas de manifestação dos discursos literários etc. O potencial que a obra *Meu avô Tatanene* possui, dentro de uma **Tertúlia Literária**, é imensurável e deve ser idealizado considerando todos os pontos citados acima.

Para planejar a **Tertúlia Literária**, sugerimos que seja organizado um grupo formado por diferentes agentes — da escola, da biblioteca ou da comunidade — a fim de pensarem juntos a programação, de convidarem pessoas para realizarem as apresentações, de organizarem o espaço onde a **Tertúlia** acontecerá e, por fim, de realizarem a divulgação da atividade.

Material elaborado por:

Carolina Riter é graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Também é especialista em Saúde Coletiva com ênfase na Atenção Básica pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP-RS) e atua nos programas *Primeira Infância Melhor* e *Criança Feliz* no município de Guaíba-RS. Escritora para a infância, tem 18 títulos para pré-leitores publicados na Plataforma Elefante Letrado.

Kainan Porto Alegre é professor na Educação Básica e mestrando em Estudos da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É graduado em Letras — Língua Portuguesa e Língua Espanhola — pela mesma Universidade, e suas pesquisas estão relacionadas à Literatura Brasileira contemporânea e ao Modernismo brasileiro.

